

Rodrigo Saraiva

[Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Univ. Lisboa | rsns@netcabo.pt](mailto:rsns@netcabo.pt)

“Para além do positivismo”

Tenciono discutir a herança concretista do positivismo no estudo do Humano e na convenção que fazemos sobre o que é uma pessoa. Apresentarei linhas de investigação possíveis e defenderei uma posição neo-etológica derivada da teoria dos Umwelten, modificada para considerar o comportamento e a mente humanos. O principal objectivo é a investigação das regras de relação do organismo com o ambiente, incluindo no estudo dessa relação os dados possíveis provenientes do pensamento racional sobre o eu.

António Fernando Cascais

[Fac. Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova Lisboa | afcascais@netcabo.pt](mailto:afcascais@netcabo.pt)

“Bio-evolução, antro-po-evolução, tecno-evolução”

O evolucionismo darwiniano permitiu pensar a diferença antropológica como transição e como devir, e não já como ruptura intransponível. A partir daí tornou-se possível abordar o devir-humano em termos da articulação entre bio-evolução, antro-po-evolução e tecno-evolução. Nietzsche foi pioneiro ao transpôr a abertura darwiniana para a filosofia e a cultura, Leroi-Gourhan prossegue-a por sua vez, transpondo-a para uma reflexão inédita sobre a técnica na sua relação com a antropologia, e retomam-na os autores que actualmente exploram as possibilidades de superação pós-humana da nossa condição.

Jorge Rivera

[Secção de Filosofia da Univ. Évora | rivera@uevora.pt](mailto:rivera@uevora.pt)

“Diferenciação, equivocidade e ambivalência do limite: a questão do espírito”

A noção de espírito surge, na amplitude de perspectivas contemporâneas, marcada de obsolescência ou mesmo de “proletarização” (Bernard Stiegler), reconduzida ao mental ou banalizada em modalidades de satisfação psico-somática. Todavia, na mesma noção descobre-se uma intrínseca capacidade de resiliência e uma tácita, ainda que velada, capacidade de diferenciação que perspassa toda a actividade cognitiva e disposição emocional, pelo que o significado e o valor de espírito se revelam na experiência dos limites, na sua ambivalência e equivocidade. Como índice de verdade (por exemplo, na noção de parrésia retomada por Foucault), a presença do espírito mostra-se no valor do existente singular, limite de todo o conhecimento e possibilidade de resistência ética, e, no âmago da inteligibilidade, enquanto interrogação dos supostos, prossecução ideal do intento do verdadeiro e possibilidade de compreensão, mesmo do que se exconjura.

Simpósio

Simpósio integrado nas comemorações do ISPA do 200º aniversário do nascimento de Charles Darwin e dos 150 anos da publicação de “A Origem das Espécies”

Fronteiras do Humano

22 Maio de 2009

Auditório Armando de Castro, ISPA

10:30 - 10:45 | Abertura

10:45 - 11:15 | **Vítor Almada**

11:15 - 11:45 | **Eugénia Cunha**

11:45 - 12:15 | **Luís Vicente**

12:15 - 12:45 | **André Levy**

12:45 - 14:15 | Intervalo Almoço

14:15 - 14:45 | **Rui Oliveira**

14:45 - 15:15 | **Teresa Levy**

15:15 - 15:45 | **Rodrigo Saraiva**

15:45 - 16:15 | Intervalo

16:15 - 16:45 | **António Fernando Cascais**

16:45 - 17:15 | **Jorge Rivera**

17:15 - 18:00 | Discussão aberta

Organização:



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Colaboração:



Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa

Vítor Almada

[Unidade de Investigação em Eco-Etologia, ISPA | valmada@netcabo.pt](mailto:valmada@netcabo.pt)

“Algumas singularidades do ‘Animal Político’”

Embora todos os seres vivos tenham evoluído em ambientes com certo grau de imprevisibilidade, nenhum como a nossa espécie vive em ambientes tão complexos e mutáveis. Emergiram processos de relação com o ambiente natural mais e mais indirectos e mediados por relações com outros. Complexificaram-se os processos cognitivos necessários à sobrevivência e à reprodução. O facto de cada ser humano nascer e crescer num ambiente que nem controla nem conhece plenamente, tornam os modelos inspirados na ecologia e na biologia evolutiva largamente insuficientes para se abordar as sociedades e os comportamentos individuais. Pretende explorar-se algumas implicações desta "singularidade" da nossa espécie. Argumenta-se que muitos dos valores e comportamentos que adoptamos não representam interesses individuais, mas a adesão a regras de representação social que nem os indivíduos ou grupos decidiram voluntariamente. Muitas das acções que as sociedades nos exigem ou às quais aderimos não são úteis do ponto de vista biológico, mas exprimem a nossa necessidade de aderir a formas de pensar e agir que surgiram antes de cada um de nós e que adoptamos por coacção, necessidade de integração ou incerteza. A adesão a uma ideologia, a um sistema de crenças, ou a existência de confrontos que tantas vezes em nada nos beneficiam, exprimem esta sujeição dos seres humanos a um mundo que mal entendem, que não podem controlar e que condiciona o seu desenvolvimento pessoal. A exploração de seres humanos nos modos de produção capitalista é também inseparável desta irracionalidade social, que para o bem e para o mal, faz de nós seres únicos na biosfera.

Eugénia Cunha

[Centro Investigação Antropologia e Saúde, Univ. Coimbra | cunhae@antrop.uc.pt](mailto:cunhae@antrop.uc.pt)

“O que nos torna humanos”

Sabendo que a evolução não é gratuita e que só quando os benefícios de uma dada mudança evolutiva superam os custos é que o processo avança, é um desafio destrinçar o número de peças chave cada vez maior deste intrincado ser que somos. Fósseis e genes, entre outros, informam cada vez mais sobre a nossa história natural. Nesta apresentação discutir-se-ão os nossos traços distintivos e as razões subjacentes ao seu desenvolvimento.

Luís Vicente

[Centro de Biologia Ambiental, Univ. Lisboa | lmvicente@fc.ul.pt](mailto:lmvicente@fc.ul.pt)

“Fronteiras do Darwinismo”

Teorias não são simples conceitos. São corpos conceptuais complexos e coerentes com campos de aplicação restritos. A “Teoria de Tudo” de Wilson, ou a “Busca da Unificação” de certos físicos não passam de delírios detractores do que é Ciência. É certo que há conceitos que são “nómadas”, no sentido formulado por Isabelle Stengers, mas epistemologicamente os corpos conceptuais assumidos como teorias não o são. Para o serem necessitariam de gozar, obrigatoriamente, de duas propriedades fundamentais: “translatabilidade” e “dedutibilidade”. Forçar a utilização de conceitos darwinistas em campos como, por exemplo, o da economia significaria a tradução de termos que se referem à evolução biológica em termos que se referem ao comportamento do consumidor. Não sendo isto possível a conversa não pode ultrapassar o domínio do abstracto e, nestes casos, darwinismo não poderia passar de metáfora ou de um abusivo nomadismo conceptual de operacionalidade mais que duvidosa.

André Levy

[Unidade de Investigação em Eco-Etologia, ISPA | andrelevy@gmail.com](mailto:andrelevy@gmail.com)

“Psicologia Evolutiva e a Evolução da Psicologia Humana”

A corrente designada como "Psicologia Evolutiva" proclama oferecer um novo enquadramento para aplicar princípios evolutivos à espécie humana, combinando-a com conhecimentos das ciências cognitivas, para entender os comportamentos dos actuais humanos. Contudo, algumas das suas permissas teóricas e alguns dos resultados experimentais em que assentam são questionáveis. Será apresentada uma visão crítica da Psicologia Evolutiva e explorada outra corrente de aplicação da evolução à nossa espécie, que incorpora interações entre evolução genética e a transformação social e cultural.

Rui Oliveira

[Unidade de Investigação em Eco-Etologia, ISPA | rui.oliveira@ispa.pt](mailto:rui.oliveira@ispa.pt)

“‘Ghosts in the machine’: hormonas, evolução e comportamento”

O determinismo biológico na relação entre traços biológicos e psicológicos pode ser invertido. Assim, mecanismos biológicos podem ser modulados por aspectos psicológicos (o que deu origem ao crescimento de todas as psico-neuro-ciências no final do sec XX). Os mecanismos de resposta hormonal a interações sociais são comuns à nossa espécie e a outros vertebrados, ilustrando o facto de existirem mecanismos de resposta presentes no chamado cérebro primitivo (sub-cortical) que continuam presentes e funcionais no Homem, apesar da evolução de um córtex com funções executivas que teoricamente poderiam fazer as mesmas funções com neuromodulação e sem hormonas. Até que ponto as respostas hormonais são constrangimentos (e promovem inércia evolutiva) ou têm valor adaptativo?

Teresa Levy

[Centro de Filosofia das Ciências, Univ. Lisboa | teresa.levy@gmail.com](mailto:teresa.levy@gmail.com)

“Só nos tornamos criaturas do/no mundo na companhia de outras não humanas”

A questão “como podemos viver em conjunto?” é objecto de vários questionamentos no domínio da filosofia, mas é uma questão prática sempre retomada no aqui e agora onde nos situamos. Os seres geralmente incluídos neste ‘nós’ são apenas os humanos e as respostas dadas inscrevem-se numa visão antropológica ou humanista, baseada no excepcionalismo do homem relativamente a outras espécies. Existem, no entanto, outros enquadramentos que possibilitam a inclusão de todas as espécies que constitutivamente nos permitem ser seres-em-processo habitando comunidades onde co-configurações várias se tecem nas relações e encontros transversais multi-espécies. Tentando adoptar este ponto de vista situado e comprometido, pretendemos mostrar algumas das possibilidades que se abrem no encontro com outras espécies companheiras.